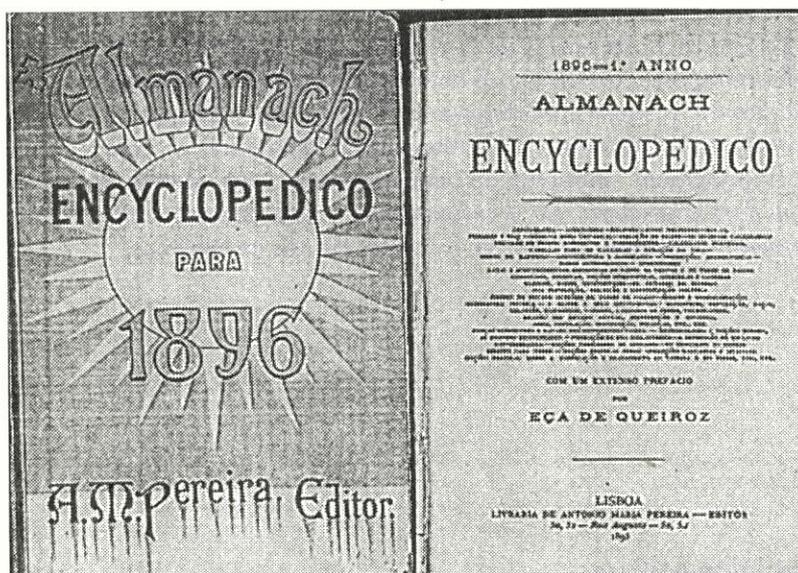


# EÇA DE QUEIRÓS E OS ALMANAQUES DO SEU TEMPO

Vera Lúcia Casa Nova\*

## RESUMO

Este artigo mostra um aspecto diferente da obra de Eça de Queiroz. Trata-se da leitura dos almanaques realizada por ele e descrita no prefácio do *Almanach Encyclopédico*, datada de 1896. Uma leitura agradável, rica de idéias e cheia de ideais democráticos de cultura.



O texto “Almanaques” faz parte dos escritos dispersos de Eça de Queiroz, e está editado pela Editora Aguilar, sob o título de *Notas Contemporâneas*, em suas obras completas. Incluem-se aí textos datados do fim do século, entre 1880 e 1896, publicados em jornais como *Diário de Notícias*, *Renascença*, *Gazeta de Notícias*, *Revista Moderna* e, especificamente, endereçado, como introdução, ao 1º volume do *Almanaque Enciclopédico* do ano de 1896, este que ora apresento a vocês.

\* Universidade Federal de Minas Gerais.

Com um discurso de ensaio introdutório, Eça nos apresenta uma breve história dos almanaques com curiosidades históricas variadas, numa escritura que une saber e sabor distribuídos ao longo do texto em gotas de humor e lirismo num só momento.

Indo à Mesopotâmia, aos filhos sábios de Seth, Eça inicia uma profunda reflexão sobre a importância do saber, do conhecimento, inserindo aí uso dos almanaques existentes desde os primórdios da história do conhecimento humano.

Interessante observar que é um Eça bem diferente dos romances. Enquanto nestes encontramos narradores, urdidos ficcionalmente, aqui trata-se do intelectual Eça, sua criatura pitoresca e bem humorada, que nos conduz a pensar a História, a Ciência e o almanaque indissociavelmente. Este texto ilustra a valorização do saber do fim do século XVIII, que, entrando pelo século XIX, vai registrando o tempo passado, a memória, as lembranças, peças de extrema importância para o conhecimento humano. Notemos, também, a importância que Eça dá à memória. Anne Martin-Fugier em *Os ritos da vida privada burguesa* (Aries, p. 195) declara que:

*(...) a invenção da fotografia em 1836 e seu desenvolvimento após 1850 vão permitir o surgimento de nossos álbuns (...)*

*(...) as fotos preservam instantes. De um lado, são relíquias propícias à rememoração. Do outro lado, sucedem-se no álbum em séries que permitem perceber o discurso do tempo, a evolução da criança que cresce, a família que se perpetua por meio de casamentos, nascimentos. Os diários íntimos também são escritos como repositório de lembranças ...*

Por outro lado, o uso de guias e manuais de conduta também caracterizam o século. Por exemplo, um dos mais conhecidos foi o **Nouveau manuel complet de la maîtresse de maison** (1913). Os manuais de conduta são herdeiros da “economia doméstica”. Segundo esse autor, esses livros são sintomas da preocupação em inventar um novo modo de vida e um novo tipo de felicidade – um modo de vida exclusivamente privado, no qual a família é o ideal de felicidade, e o meio para conquistar essa felicidade é a boa administração do tempo e do dinheiro.

O ano é marcado pelas festas cívicas e festas de igreja. As pessoas dependem do calendário cristão. O ano se desenrola segundo as festas litúrgicas.

Vai-se assim caminhando com Eça, intelectual, escritor, consciente de sua responsabilidade social, e observando como ele é marcado pelas cenas políticas de seu tempo. Entre o privado e o público, a preocupação do escritor parece ser um desejo de que a humanidade se instrua, conheça as “verdades” ditadas pela ciência e pela História.

Vejamos como ele se refere ao primeiro e a outros posteriores almanaques, ou melhor, como ele os imaginava – “ensinava sem dúvida”; “certamente revelava”; “incontestavelmente instruía”; “talvez arquivasse”, – ou ainda sobre a finalidade do almanaque em “rememorar”, “perpetuar”, “as verdades iniciais para a humanidade”.

Segundo Eça, o almanaque teria mesmo antecedido a cartilha e a história,

com seus rudimentos, do tipo regra para colheitas, data das feiras, eclipses, etc.

Sua importância é sempre marcada pelo signo da *disciplina*, como no exemplo: “O almanaque, com efeito, é o livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas dentro dos quais circula, com precisão, toda a nossa vida social”.

Ou ainda:

*O tempo, essa impressão misteriosa a que chamamos tempo, é para o homem como uma planície, sem forma, sem caminho, sem fim, sem luz, onde ele transita guiado pelo almanaque, que segura pela mão, o vai puxando e a cada passo murmurando: aqui, estás em setembro!... além finda a semana!... Sumida a noção do ano, do mês, do dia, ele não poderia mais cumprir com ordem proveitosa os atos da sua vida urbana, rural, religiosa, política, social – e logo se arriscaria àqueles dois erros... a semear o seu trigo em Julho e a celebrar a sua Páscoa em Novembro.*

*Só com o almanaque, sempre presente e sempre vigilante, pode existir regularidade na vida individual ou coletiva e sem ela... o que era seriedade seria apenas uma horda e o que era um cidadão seria apenas um trombolho.*

Sempre faz referência à importância civil e religiosa, tendo como exemplo a história de Roma e de César com a famosa reforma do calendário, para a organização da sociedade.

Eça vê a notoriedade do almanaque no limite do individual e do social. O almanaque é sobretudo uma pequena enciclopédia doméstica, com caráter essencialmente de difusão popular. A melhor conduta implícita na leitura do almanaque está também no limite do particular e do grupo. Em casa, sobretudo, ou nos serões camponeses. Numa ou noutra oficina, o almanaque é lido como livro de saber científico e cultural em todas as épocas, e com elas se transforma.

*A humanidade saindo do fundo da Meia-Idade e passeando ao sol da Renascença descobria uma inesperada maravilha, a Natureza, andava toda no deslumbramento e na paixão da Natureza; – e o almanaque, que depende da humanidade, imediatamente se faz naturalista. Vivera até aí nas Igrejas com os padres – agora não sai dos laboratórios, de entre os sábios.*

Entre a científicidade e a “publicização” de médicos e de astrólogos que sempre estiveram presentes em suas páginas, o almanaque com “atrasos” ou com “progressos” sempre foi leitura das massas (depois de seu advento). – “Só dois livros se vendem, penetram nas massas humanas – a Bíblia e o almanaque”.

Lembra Eça, ainda, que almanaques como o de Benjamin Franklin, no séc. XVIII, tinham tanta força como se fossem um catecismo popular, rivalizando somente com a **Enciclopédia** que era livro de cabeceira.

Cançonetas, quadrinhos, éclogas, epigramas, fábulas sátiras, epístolas, madrigais, faziam o delírio das famílias aristocráticas e burguesas no séc. XVIII ao lerem o *almanaque das Musas*. O popular era o do *Pere Girard*, que visitava as aldeias da Fran-

ça e ensinava aos aldeões os princípios de cidadania e de política de classe.

*E esta tradição de utilizar os almanaques como agentes formigueiros da revolução persiste em França, onde, de 1830 a 1850, apareceram sucessivamente mais radicais, mostrando como a Revolução se alastra das estreitas fórmulas políticas para as vastas transformações sociais – O almanaque dos Amigos do Povo, o almanaque do Verdadeiro Republicano, o almanaque do Trabalhador Emancipado.*

Entre a liberdade e a repressão (Napoleão III), em todos os tempos, o almanaque viu-se proibido de pensar, mas não de rir.

– “Então o almanaque, astuto, desata a rir” –

Almanaque para rir, cômico, satírico, das cem pilhérias, das gargalhadas. E os franceses riam de tudo. Mas logo volta a ser científico, em sua ciência positiva e experimental: Almanaque do Químico, do Construtor, etc.

E assim Eça vai nos contando gostosamente a história do Almanaque, sempre bem aceito pelos povos latinos por sua tendência à generalização bem concentrada e seu tom universal.

O texto assim se estrutura discursivamente, para, então, Eça fazer a apresentação do **Almanaque Enciclopédico**: “E aqui está este almanaque, por cujas primeiras páginas vamos andando e conversando, que é simplesmente enciclopédico”.

Mostrando as origens, discutindo as histórias, Eça coloca o almanaque como enciclopédia de caráter popular e o considera como veículo importante na divulgação da cultura e da ciência em todos os tempos e nações (genericamente).

Acha, porém, que as Enciclopédias, do modo como são feitas, desde a primeira de Diderot e d’Alembert, são “aterroradoras”, por serem pesadas e “compridas como a curiosidade humana”, e que a melhor fórmula para a divulgação do conhecimento fácil, sobretudo científico (ciência fácil) era mesmo o almanaque – o *almanaque enciclopédico*, que iniciava seu percurso em 1896.

*O ditoso leitor do Almanaque Enciclopédico é assim, cada ano, nas férias, procurado pela ciência, uma ciência moça, de roupagens ligeiras, ágil e familiar, que o toma pela mão, o conduz alegremente, sem estalagens, a um dos seus maravilhosos domínios... Ah! Almanaque, almanaque! Nunca treparíamos a esta remota Antiguidade, se não fora a tua sedução, companheiro de palestra douda e fácil! E agora, que de tão longe viemos, sendo divertido, percorrer este vale do Nilo de há quatro mil anos...!*

Explicitamente, Eça de Queiroz tal qual Michelet, louva o Almanaque como veículo de divulgação do conhecimento – filho do Esclarecimento, do Iluminismo, ou precursor (“avant la lettre”) de idéias sobre a ilustração.

Só que Eça nos mostra uma outra forma: o livro amigo, sociável e fácil, indicando, assim, uma preocupação com a leitura em sua época, além de pensar no bem-estar social da Nação.

*E não só nos habilita a que vivamos bem, na larga vida social e espiritual, mas a que vivamos bem, com doces facilidades, na vida pequenina e caseira. Vede simplesmente a abundância, a diversidade, a magnífica utilidade das receitas que ele nos ensina, em cada página generosa. É redobrado enternecimento...*

Por acreditar no almanaque mais genérico, Eça resolve prefaciá-lo o **Almanaque Enciclopédico**, guia de ciência, calendário, indicação de tempo e temperatura, informações úteis ou como ele mesmo nos diz apaixonadamente:

*A boa ciência de almanaque, essa, rompe pela minha casa, arregança as mangas, e imediatamente, cantarolando, esfrega os tachos, limpa os candeeiros, reaviva as pinturas antigas, reverdece as flores murchas, emudece as portas que rangem, recolhe o verniz que lascou... Se eu, vermelho, ofegante, curvado sobre um velho pergaminho, me esforço por limpar a nódoa de gordura que o maculou e o avilta, bem pode fazer ao lado, sobre a mesa, um poderoso volume de química, da melhor ciência de Tindall ou Berthelot, que se não moverá, para me aconselhar... mas a amorável ciência de almanaque correrá logo, com as saias a bater alegremente as portas, gritando: "mistura pedra-ume queimada e flor de enxofre em pó! Molha o seu pergaminho! Esfrega com o dedo, de leve!" Oh a boa dona, resplandecente de sapiência e bondade! E todavia esta ciência de almanaque, tão dada e fraternal, de grossos braços úteis, que me lustra os tachos e me cola os vernizes, é duma nobreza bem mais alta, oh! – que a empertigada ciência das escolas. Porque essa é a vaga filha bastarda duns alquimistas e astrólogos, que se entregaram a práticas tenebrosas... e a outra, a franca, a sadia, caseira e natural ciência do almanaque, descende, numa linha muito pura, daquele muito grão-senhor que se chamava Aristóteles.*

Coloca-se Eça numa posição progressista diante da ciência positiva, tal qual se apresentava no fim do séc. XIX. Sua proposta nesse prefácio é a da popularização da ciência enquanto o conhecimento trazido por ela, mas que seja de interesse de todos e não apenas de uma classe privilegiada. Esse texto nos fornece, além das inúmeras curiosidades, a imagem que Eça de Queiroz tem do mundo e, ainda, a proposta de democratização do conhecimento, e da universalização do saber. Ainda como grande lição desse autor, podemos compreender que conhecimento, ciência e verdade, fazendo parte da História e da Cultura dos povos, dimensionam o desejo de poder do ser humano.

## RÉSUMÉ

Cet article montre un aspect différent de l'œuvre de Eça de Queiroz. Il s'agit de la lecture des almanachs, qu'il nous décrit dans la préface de l'**Almanach Encyclopédico**, daté de 1896. Une lecture agréable, riche d'idées et pleine des idéaux démocratiques.

## Referências bibliográficas

01. ARIES, P., DUBY, G. **História da vida privada**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.